

## MULHERES NAS ENGENHARIAS

## Medo contribui para salários desiguais

HÉLIO NGUANE

MUITO sangue foi derramado para que as mulheres fossem formadas e tivessem acesso ao mercado de emprego. Subjugadas, só trabalhavam quando solteiras, viúvas, separadas ou quando o homem não recebia o suficiente para sustentar a família.

Hoje, depois de séculos de luta, elas já conseguiram estar empregadas. No entanto, existem lutas que ainda prevalecem, delas destaca-se a questão salarial. A desigualdade do vencimento é complexa, pois envolve múltiplos factores que afectam a evolução da mulher na carreira profissional.

Segundo a Muthiana Code, comunidade dedicada à formação, inserção, suporte e empoderamento das pessoas do género feminino, o medo de partilhar o sala-



Estudo aponta que mulheres só poderão ter salários equiparados dos homens daqui a 134 anos, em 2152

rio com as demais contribui para que as mulheres do sector de engenharia continuem a receber menos que

os homens.

Para reverter o cenário, aponta o colectivo, é necessário que as profissionais

“quebrem o gelo” e falem abertamente quanto ganham. “Assim, terão bases para fazer comparações e ar-

ranjar melhores formas para combater esta injustiça”, salientou Miwanda Lainisse, fundadora e líder da comunidade.

Shaista de Araújo, gestora de projectos no programa de empoderamento de mulheres jovens dos bairros urbanos (MUVA), disse que, apesar de terem a mesma formação e executarem tarefas similares, o extracto salarial da mulher continua baixo em relação à do homem.

Reconhecendo a escassez de dados estatísticos, a especialista aponta que o mercado de emprego moçambicano mostra que as pessoas do género feminino ainda têm um longo caminho a percorrer para obter o mesmo reconhecimento que os homens. “É preciso legislar de modo a desincentivar as instituições empregadoras a optarem por diferenciar os salários de acordo com o género”, apontou Araújo.

## Duvidaram de mim no estágio

– Belsenia Matsimbe

NA recta final da formação, chega a hora de estagiar. Belsenia Matsimbe conta que o processo aconteceu de forma tranquila. Pela competência que mostrou, existiam possibilidade de ser contratada, mas alguns preconceitos travaram o processo.

“Eles referiram que era mulher e por isso não poderia estar no meio de homens, pois iria desconcentra-los. E mais, disseram que em casos de termos de passar mais de duas noites numa empreitada seria difícil controlar os ânimos dos trabalhadores e também não haviam banheiros para mulheres nas obras”, argumentaram. Dirce Sambo, que fez o curso técnico-profissional de nível médio de Aeronáutica, experimentou a mesma experiência. “Quando chegou a hora de me contactarem, argumentaram que era muito nova e que não poderia colocar uma jovem, frágil e bonita a mexer máquinas.... A receber mais que um homem”, contou.

Eunice Lado fez o curso de Engenharia Mecânica no Instituto Superior de Tecnologias de Comunicação (ISUTC). Concluiu as disciplinas em tempo recorde e no estágio passou por inúmeras provações. Depois de analisar o cenário, chegou a uma conclusão: “duvidavam que teria capacidade de pegar numa rebarbadora e executar as minhas tarefas. No entanto, teve aulas práticas, sabia manusear todas as ferramentas. Tinha competência”, afirma.

No primeiro dia do estágio, conta, a oficina parou para lhe ver em acção. “Todos gravavam com telemóveis o que fa-



Belsenia Matsimbe fez Engenharia Civil na UEM

zia. No fundo, não acreditavam que uma mulher pode fazer Engenharia Mecânica. Mas eu permaneci firme e executei as minhas tarefas”, recordou. O facto que mais revoltou a jovem foi ver outras mulheres “a olharem-me com o mesmo espanto dos homens”, expressa.

## URGENTE NEGOCIAR

## SALÁRIOS

Uma pesquisa da empresa norte-americana Glassdoor constatou que 59 por cento dos profissionais aceitaram o salário oferecido inicialmente e não negociaram. Os resultados dispararam quando se faz a distinção entre os géneros, sendo que 68 por cento das mulheres não negociaram o seu salário.

O estudo divulgado pela revista brasileira “Exame” aponta que quando houve a negociação os homens foram três vezes mais bem-sucedidos em conseguir o aumento, do que as mulheres.

Especialistas mostram que na negociação é essencial deixar as questões pessoais de lado

e pensar em factos concretos. Assim, o aumento será justificado como algo justo diante do que foi entregue pela profissional e sua capacitação.

Neste sentido, aponta Miwanda Lainisse, é preciso um preparo prévio para trazer à mesa de negociação todos os argumentos necessários. A líder da Muthiana Code aponta que pode-se comparar a sua performance com a de colegas do sexo masculino da empresa.

Além disso, é também fundamental fazer uma pesquisa no mercado para estimar a faixa salarial de profissionais da mesma categoria e experiência. “A maioria das mulheres não faz pesquisa. Aceitam a primeira proposta salarial que recebem, pois estão preocupadas em ter o valor para suprir as necessidades da sua família”, disse. Especialistas apontam que mesmo que exista o machismo no ambiente de trabalho os dados claros não dão espaço para argumentos baseados na discriminação.







Miwanda Lainisse, fundadora e líder da comunidade Muthiana Code



Shaista de Araújo, gestora de projectos no programa de empoderamento de mulheres jovens dos bairros urbanos (MUVA)

# O ciclo da desigualdade

NO entanto, não é só nos países do terceiro mundo, como o nosso, que se vive este cenário. Segundo o relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT), na média global, as mulheres ganham apenas 77 centavos para cada dólar recebido pelos homens.

“A diferença salarial reflecte a posição injustificadamente diminuída de muitas mulheres na sociedade e ajuda a mantê-las nessa situação”, afirmou a directora-executiva da Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres, Phumzile Mlambo-NGCuka, citada pelo portal da entidade internacional.

Por exemplo, nos Esta-

dos Unidos da América, após mais de um século de luta por igualdade de condições entre homens e mulheres, ainda se vive a mesma realidade. Segundo projecção divulgada pela Associação Americana de Mulheres Universitárias (AAUW), elas só poderão ter salários equiparados aos deles daqui a 134 anos, em 2152.

O estudo, denominado Simple Truth about the Gender Pay GAP (A Simples Verdade Sobre a Desigualdade Salarial de Géneros, em tradução livre), aponta que em 2015 as trabalhadoras em tempo integral naquele país do primeiro mundo ganhavam 80 por cento menos que

os homens.

Para a manutenção deste cenário contribui a conjuntura social que desincentiva, em primeiro, a formação das mulheres e depois a sua ascensão a cargos de chefia.

## O DESAFIO DE CURSAR ENGENHARIA

Belsenia Matsimbe fez Engenharia Civil na Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Conta que a escolha do curso foi algo natural, pois na família já havia um histórico, sendo que o pai é um engenheiro civil. A jovem engenheira conta que recebeu o apoio incondicional dos pais, do inf-

cio até ao final da sua formação. Um terço da sua turma era composta por mulheres, mas até ao último ano apenas sobravam duas mulheres. A desistência era originada pela falta de apoio dos professores, colegas e, principalmente, familiares.

Belsenia conta que quando falava para os demais que estava a cursar Engenharia Civil era olhada com estranheza. As pessoas admiravam e queriam vê-la a executar a tarefa.

A turma de Eunice Custódio era mais numerosa que de Belsenia, sendo composta maioritariamente por mulheres que queriam cursar

Engenharia Ambiental. “Éramos consideradas especiais. Quando vissem alguma mulher na Faculdade de Engenharia na UEM, deduziam logo que estava a fazer o nosso curso”, detalhou.

A formação de Eunice correu conforme o esperado. O preconceito, os comentários fora-de-horas, eram aspectos pouco recorrentes. No entanto, conta que as pessoas pouco ou nada sabiam sobre a Engenharia Ambiental.

“Tínhamos de explicar para todos as tarefas de um engenheiro ambiental”, aponta, ressaltando que actualmente trabalha num sector diferente ao da sua formação.

## HISTÓRIAS DE VIDA

# Trinta e um anos ensinando crianças



L. Muianga

Nada paga a satisfação do professor ao ver o seu aluno a saber ler e escrever

HERMENEGILDA Massingue é professora do ensino primário há 31 anos. Licenciou-se em Planificação, Administração e Gestão Escolar, mas em nenhum momento pensou em trocar o professorado, embora reconheça as dificuldades que esta classe de profissionais enfrenta para desenvolver a actividade.

A paixão que tem pelas crianças e o orgulho de ver os seus “meninos” a saberem ler, escrever e interpretar alguns fenómenos constituem a sua maior motivação no trabalho.

“Gosto de ensinar uma criança que não sabe nem sequer pegar no lápis e, passado alguns meses, ver que o meu menino já sabe escrever e ler lindamente. É gratificante e motiva-me bastante. Algumas pessoas que passaram pelas minhas mãos, hoje são médicas, engenheiros... Algumas são encarregados de educação dos meus alunos. Já tenho netinhos na profissão”, brincou.

Influenciada pela falecida tia, que na altura era professora, Hermenegilda entra para a carreira de professor ainda muito nova, aos 16 anos. Na altura, tinha a 6.ª classe + 1 ano de formação. Foi progredindo até concluir a licenciatura em Planificação, Administração e Gestão Es-

colar na Universidade Pedagógica.

Natural de Chókwè, província de Gaza, Hermenegilda cresceu tal qual outras crianças de sua época. Caracteriza o tempo em que cresceu dizendo que as pessoas eram mais honestas, os alunos eram mais obedientes e tinham sentido de responsabilidade, sobretudo quando o assunto era realizar o trabalho de casa dado pelo professor.

Lamenta o que acontece na actualidade e deixa um apelo: “pais e encarregados de educação ajudem-nos na educação das crianças. Não há pior coisa para um professor dar trabalho de casa a uma criança e voltar à escola sem que tenha feito. “Ah!, professora, eu não fiz!” O pai onde é que estava. É verdade que a sociedade é mais dinâmica, actualmente, mas apelo aos pais para que arranjem algum tempo para zelar pelas crianças. É importante que o pai veja o que o filho escreve no caderno ou livro. Para os meus colegas, que abracem a carreira. Nós não temos dinheiro, mas se você abraça a carreira é lindo quando entras na sala e encontras o caderno dos meninos e o trabalho bem organizados. Não há dinheiro que pague a satisfação do professor ao ver o aluno a saber ler e escrever”.

## DICAS SOBRE SAÚDE

# Comida muito salgada, o que fazer?

COLOCOU muito sal na comida, ou mesmo não dessalgou bem os alimentos, como pode acontecer na feijoada e no bacalhau? Não se alarme, muitas vezes conseguimos salvar o prato salgado (molhos, arroz, sopas) se utilizarmos algumas dessas dicas. Confira a lista.

### ACIDO COM ACUCAR

A dica é combinar um “item” doce com um ácido (sumo cítrico, vinagre, vinho). Experimente, por exemplo, adicionar 1 colher de chá, 5g de açúcar e a mesma quantidade de vinagre de maçã. Vá repetindo o processo até que o prato fique com o gosto desejado. Adicionar uma pitada de açúcar pode diminuir o sabor do sal. A

dica pode servir refogados e molhos.

### BATATAS

Você ainda pode colocar batatas descascadas e cortadas em pedaços grandes no caldo, deixando ferver até as cozerem, pois assim terão tempo de absorver o sal. Retire e sirva as batatas como acompanhante. A dica pode ser útil em sopas/ensopados, feijoada, bacalhau e molho.

### SUMO DE LIMAO

Para o arroz (que já está na fase de cozedura), utilize um pouco de sumo de limão para balancear o sabor - vá adicionando o ingrediente aos poucos para acertar

o tempero. Vá testando aos poucos. Também é possível adicionar legumes (como cenouras, ervilhas e batatas) para equilibrar o sabor do prato.

### AGUA

Substitua um pouco do líquido. Caso esteja fazendo uma sopa, uma canja (ou similar), a opção mais fácil para consertar a adição exagerada de sal é acrescentar ainda mais líquido. Primeiro, pegue um pouco do líquido salgado e jogue fora. Em seguida, adicione água, caldo (sem sal) ou leite, dependendo do prato. Serve para sopa e canja.

Fonte: <https://pt.petitchef.com>